

## A DIGESTÃO E A REPRODUÇÃO DO CENTAURO: O *A PRIORI* HISTÓRICO EM FOUCAULT<sup>1</sup>

Philippe Oliveira de Almeida<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo seguinte objetiva investigar a categoria de *a priori* histórico no pensamento do filósofo francês Michel Foucault. Pretendemos mostrar que há um sistema epistemológico subjacente à atividade arqueológica de Foucault. Mostramos que Foucault, inspirado em Nietzsche, entende as ideias como fatos históricos, acontecimentos discursivos. Em seguida, argumentamos que a manifestação de referidos acontecimentos discursivos depende de condições históricas de possibilidade (a *éphisteme*). Sugerimos que o *a priori histórico* de Foucault assemelha-se à *Ereignis* de Heidegger e aos jogos de linguagem de Wittgenstein: são jogos de verdade, regras para que o ente surja *qua* ente na percepção do sujeito. O *a priori* histórico define, baseado em relações de poder, os limites móveis entre o conhecimento verdadeiro e o conhecimento falso.

**Palavras-chave:** Foucault; Arqueologia do Saber; *a priori* histórico

**Abstract:** The following article aims to investigate the category of historical *a priori* in the thought of the French philosopher Michel Foucault. We intend to show that there is a epistemological system underlying Foucault's archaeological activity. We show that Foucault, inspired by Nietzsche, understand ideas as historical facts, discursive events. Then we argue that the manifestation of these discursive events depend on historical conditions of possibility (the *éphisteme*). We suggest that Foucault's historical *a priori* resembles Heidegger's *Ereignis* and Wittgenstein's Language Games: it's truth games, rules for the entity arises *qua* entity in the subject's perception. The historical *a priori* defines the mobile boundaries between true and false knowledge based on power relations.

**Keywords:** Foucault; Archaeology of Knowledge; historical *a priori*

### INTRODUÇÃO

O acadêmico que se propõe a escrever sobre o pensamento do filósofo francês Michel Foucault se coloca, necessariamente, em uma situação paradoxal: assume o desconfortável papel de discorrer sobre a obra de um autor que sempre rejeitou as categorias de

---

1 Nossa pesquisa não teria sido possível sem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Agradecemos às inestimáveis contribuições de nossa orientadora, a professora Doutora Karine Salgado, bem como do professor Doutor Ivan Domingues, cuja disciplina de Metafilosofia, ministrada junto ao programa de pós-graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG no primeiro semestre de 2012, foi fonte de inspiração para este trabalho.

2 Doutorando Faculdade de Direito - UFMG

“obra” e de “autor” como chaves que conferem sentido a um conjunto de textos.<sup>3</sup> “Traduttore, traditore”: mais que qualquer outro, o intérprete de Foucault se encontra lançado na posição ambivalente de discordar para concordar. Ver, contra indicações expressas do autor,<sup>4</sup> que, subjacente à pluralidade multiforme de suas exposições (livros, artigos, notas de aulas, entrevistas) há um temário, uma unidade de sentido – é este um imperativo que se estabelece a cada um que queira pensar com Foucault. Há uma contradição performativa em afirmar – como o fazem tantos, hoje – que “o autor não existe, *como* bem demonstraram Foucault, Barthes, Blanchot etc. etc.”.

Resta, claro está, permanentemente aberta a possibilidade de abordar cada enunciado de Foucault como uma unidade autônoma, que não se reporta às demais e que, em sua dispersão, não forma um *corpus*. O texto pode ser reduzido ao contexto de sua imediata veiculação, às lutas contingentes nas quais procurou intervir, sem o compromisso, contudo, de guardar coerência com os trabalhos, nascidos da mesma pena, que lhe antecederam ou que lhe sucederam. Semelhante iniciativa, porém, será, de fato, mais fiel às pretensões de Foucault? Mesmo o nome ‘Foucault’, aqui, se encontraria comprometido, não sendo mais que uma notação posicional, que poderia, em cada texto, ser substituída por X, X<sup>I</sup>, X<sup>II</sup>... Falaríamos, não de Foucault, mas de Foucaults, diferentes sujeitos de discursos heterogêneos. Qual o limite dessa fragmentação? O livro, o capítulo, a página, o parágrafo, a frase – qual o átomo passível de análise?

Não será esta a metodologia que empregaremos. Pressupomos, como pano de fundo de nossa investigação, a existência de um sistema orgânico inerente à filosofia foucaultiana. Foge ao escopo deste artigo elucidar os elementos essenciais que, a nosso juízo, definem o pensamento de Foucault. Entretanto, entendemos que o ponto, específico, por nós trabalhado, se encontra em conexão com todo um corpo de temas e problemas que conferem uma direção singular ao desenvolvimento das pesquisas iniciadas pelo filósofo.

É para acentuar essa unidade que iremos, deliberadamente, fazer vistas grossas às periodizações tradicionais do itinerário intelectual de Foucault.<sup>5</sup> Ignoraremos a diacronia, desconsiderando o momento, na trajetória de Foucault, no qual cada texto citado foi concebido. É na unidade sincrônica da obra que procuraremos situar os trabalhos por nós estudados.

---

3 Para um estudo percutiente da questão, v. ALVES, Marco Antônio Sousa. O autor e a obra como funções do discurso em Michel Foucault. Disponível em [http://www.academia.edu/2543068/O\\_autor\\_e\\_a\\_obra\\_como\\_funcoes\\_do\\_discurso\\_em\\_Michel\\_Foucault](http://www.academia.edu/2543068/O_autor_e_a_obra_como_funcoes_do_discurso_em_Michel_Foucault), acessado em 30 de março de 2013.

4 Como afirma Roger-Pol Droit, Foucault não é ele mesmo: “pensador astuto, não pára de mudar, de desfazer sua identidade, de multiplicar as silhuetas emboscadas”. DROIT, Roger-Pol. *A companhia dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 361.

5 Uma breve discussão acerca de tais periodizações pode ser encontrada em VASCONCELLOS, Jorge. Foucault, pensador do presente. Em QUEIROZ, André; VELASCO E CRUZ, Nina (Org.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

Colocaremos-nos, desse modo, nas antípodas dos intérpretes que identificam, em Foucault, um relativismo epistemológico ingênuo, cujos pressupostos se alteram a mercê das contingências históricas, das energias sociais. É essa, em última instância, a leitura dos que associam Foucault ao Novo Historicismo de Stephen Greenblatt e Jerome McGann.<sup>6</sup> Procuraremos, ao contrário, surpreender, em Foucault, o paradoxo de um sistema anti-sistêmico.

É célebre a crítica de Foucault à epistemologia das ciências humanas. Na esteira do que, no âmbito das ciências naturais, intentaram Bachelard e Canguilhem,<sup>7</sup> Foucault procura, contra a história das ideias, apresentar uma narrativa do conhecimento humano que não se alicerce em continuidades, mas em rupturas. A arqueologia das ciências avulta como uma anti-epistemologia, que abraça o desafio de expor a fragilidade das categorias trans-históricas comumente aplicadas pela teoria do conhecimento para refletir sobre o “progresso” dos saberes tecnocientíficos.

Ora, tentaremos mostrar que a própria arqueologia pressupõe categorias trans-históricas – que sua operacionalização depende de uma pressuposição, quase ontológica, sobre a forma como o tempo humano se estrutura. Seguimos, aqui, o exemplo do professor José Carlos Reis, que prova em que medida a história pós-moderna, virulentamente empirista (e que se coloca em oposição absoluta à Filosofia da História) depende, também ela, de uma Filosofia da História.<sup>8</sup> Nosso foco será a ideia de *a priori* histórico, recorrente nos trabalhos de Foucault.

Nossa argumentação se estruturará em quatro momentos. No primeiro, estabeleceremos correlações entre as considerações de Foucault e Nietzsche a propósito da ideia de “acontecimento”, central na interpretação que ambos fazem do devir histórico, e que figura como nota basilar da arqueologia. No segundo, faremos paralelos entre Foucault e Heidegger, no sentido de mostrar que o “acontecimento” só se dá como “acontecimento”, como “fato histórico” – quer dizer, só entra nos quadros de nossa percepção – em virtude de condições históricas de possibilidade, de uma ‘abertura’ ou um ‘saber/épisthème’, um *a priori* histórico. No terceiro, cotejaremos Foucault e o Wittgenstein tardio, para mostrar que as condições históricas de possibilidade são tratadas, pelo filósofo francês, como regras de um jogo de linguagem, como limites de práticas humanas – sendo o conheci-

---

6 Um manifesto em defesa dos axiomas fundamentais do Novo Historicismo pode ser encontrado em GREENBLATT, Stephen. O Novo Historicismo: ressonância e encantamento. Tradução de Francisco de Castro Azevedo. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, nº. 8, 1991, p. 244 a 261. Um ataque ao Novo Historicismo – e a Foucault, na versão construída pelo movimento – pode ser encontrado em PAGLIA, Camille. What I hate about Foucault. *Salon*, 02 de dezembro de 1998. Disponível em <http://www.neoliberalismo.com/Foucault.htm>, acessado em 30 de março de 2013.

7 V. LECOURT, Dominique. *Pour une critique de l'épistémologie*: Bachelard, Canguilhem, Foucault. Paris: François Maspero, 1974.

8 Nesse sentido, REIS, José Carlos. A filosofia da história pós-moderna: Elias, Foucault, Bourdieu e Thompson. *Saeculum* – Revista de História, João Pessoa, jul./ dez. 2009, p. 33 a 44.

mento, ele próprio, uma *prática*. No quarto, mostraremos em que medida tais regras, os critérios que separam o ser e o nada, o conhecimento verdadeiro e o conhecimento falso, dependem de práticas específicas, sendo, pois, mutáveis no curso do tempo, e não se sujeitando, elas próprias, a qualquer *verificação*, isto é, a qualquer avaliação de verdade ou falsidade.

Nietzsche, Heidegger e Wittgenstein foram escolhidos, aqui, não apenas por sua ascendência sobre a formação de Foucault, mas, também, por sua relevância para o caminhar da filosofia contemporânea como um todo. Referidas figuras são seminais para o chamado “giro lingüístico-pragmático”. O cotejo com tais autores procura – com Foucault, contra Foucault – reinserir o pensamento do intelectual francês no curso da filosofia ocidental, evidenciando que, apesar da absoluta estranheza e inadequação de sua obra, é ela um reflexo de um movimento lento e gradual de ideias, tendo se construído em sólido diálogo com a tradição que lhe precede.

## FILOSOFIA DO ACONTECIMENTO

“Erros úteis para a conservação da espécie” – nesses termos Nietzsche define, no aforismo 110 d’*A gaia ciência*,<sup>9</sup> os artigos de fé tomados como “verdade” pelos homens. Para o filósofo alemão, a crença na existência de objetos, matérias e corpos representaria uma estratégia adaptativa do gênero humano – devendo, pois, ser apreciada, não pelo seu grau de correção, mas pelo seu grau de *assimilação*. A distinção entre o verdadeiro e o falso, para Nietzsche, não apresentaria um caráter *lógico*, mas *pragmático-funcional*, como condição da vida do organismo humano. Não haveria, assim, cisão entre as dimensões intelectual e desiderativa, o conhecimento e a luta dos instintos.

Como Nietzsche indica no aforismo 57 d’*A gaia ciência*, o que chamamos “real” é produto de paixões e intrigas, sentimentos e sensações, jogos da imaginação – e cabe ao filósofo desmascarar, subjacente à sobriedade dos realistas, a secreta e indestrutível embriaguez dos artistas apaixonados. Os homens contemplativos são homens ativos – que *atribuem*, com o intuito de salvar a vida, sentido, valor, cor, peso, perspectiva, escala, a uma realidade que não os possui por si mesma. “O conhecimento”, Nietzsche afirmou certa feita, “é uma centelha entre duas espadas”. Logo, não existe fratura entre a história das ideias e a história dos acontecimentos sócio-políticos. O enredo de ambas constitui-se na narrativa da luta pelo poder – por *espaço vital*, diríamos.

Nietzsche disse, uma vez: “as maiores ideias são os maiores acontecimentos”. A verdade como erro, as ideias como acontecimentos: é no rastro das intuições de Nietzsche que o filósofo francês Michel Foucault desenvolverá seu trabalho. Ora, para Foucault,

---

9 Para a redação do presente artigo, consultamos NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.

pensar é dizer, e dizer, fazer. Em um mundo sem interioridade, é a linguagem, e não a consciência, a morada do pensar. “A linguagem pensa, nós não”.<sup>10</sup> Nesse sentido, as ideias são *acontecimentos discursivos*. Foucault pretende explicitar a presença, no instante, no sujeito, no pensamento, do *acaso*, do *descontínuo*, da *materialidade própria do enunciado*.<sup>11</sup> Como na canção dos Titãs, “as ideias estão no chão/ você tropeça e acha a solução”. Todo conhecimento é marcado pela *novidade*, pela *regularidade*, pela *relação de forças*.<sup>12</sup> Foucault, que não admite qualquer transcendência fundadora<sup>13</sup>, assume como tarefa recuperar a irrupção histórica, o momento da irredutível emergência de ideias que acreditamos intemporais. À análise alegórica do pensamento, contrapõe a análise do discurso; à história das ideias, contrapõe a história dos sistemas de pensamento. Para o filósofo, “trata-se de apreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento”.<sup>14</sup>

O projeto de uma *descrição pura dos fatos do discurso*,<sup>15</sup> que perdura a despeito da diversidade de estratégias, métodos e finalidades que Foucault encampa ao longo de sua trajetória, pode configurar uma chave para relacionar seus textos, aparentemente díspares. Fatos do discurso, acontecimentos discursivos – o que move Foucault é a inquietação frente à tangibilidade das ideias:

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades.<sup>16</sup>

Entre acontecimentos discursivos e extra-discursivos (econômicos, políticos, técnicos) – noutras palavras, entre *episteme* e *dispositivo*, *theoria* e *práxis*, domínios do sa-

---

10 Para uma crítica de referida concepção, ver BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 17 a 25.

11 Cf. FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999, p. 158.

12 V. CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005, p. 24 a 28.

13 Cf. VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009, p. 9.

14 FOUCAULT, Michel. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia (1968). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros de Motta; tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 93.

15 A propósito, v. FOUCAULT. Sobre a Arqueologia das Ciências..., *cit.*, 92.

16 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996, p. 8.

ber e práticas sociais – há um jogo de relações.<sup>17</sup> Para que uma ideia germine, é necessário um subsolo doutrinário e institucional que lhe seja auspicioso. De acordo com Foucault, cabe ao filósofo, por meio de uma abordagem verdadeiramente etnográfica, descrever as estruturas, as regras do jogo, a *gramática profunda*, sócio-política, de nossa construção do “real”. “Não pense, veja!” – o alerta de Wittgenstein encontra eco no programa foucaultiano de operar deslocamentos do olhar, “decupagens ópticas”<sup>18</sup> que nos permitam apreender as fontes, inconscientes e mudas, de nossa consciência e de nosso discurso. Foucault disse, um dia: “O papel da filosofia é fazer ver o que vemos”. Trata-se de recuar para além do campo visual, enxergar o que se dá por detrás da vida de nossas retinas tão fatigadas. A filosofia de Foucault é, portanto, um “pensamento de fora”, que perquire as condições históricas de possibilidade do conhecimento.

Foucault narra a história dos limites entre o que é visível e o que é invisível, o que é dizível e o que é indizível. As fronteiras da percepção são móveis – se deslocam à medida que o jogo de forças do poder se altera.<sup>19</sup> São as condições históricas de possibilidade do conhecimento que demarcam os “lugares de distribuição do visível”.<sup>20</sup> É Foucault, pois, um historiador? Para Paul Veyne, Foucault seria “o historiador acabado, o remate da história”, “o primeiro historiador completamente positivista”,<sup>21</sup> na medida em que evacua “todas as palavras em ismo” e afirma que “tudo é histórico”.<sup>22</sup> Com efeito, ao operar a “historicização” – ou, para nos valermos de seus próprios termos, a “acontecimentalização” – de ideias comumente tomadas por intemporais (a razão, a loucura, o Ocidente, o Oriente, a normalidade, as perversões sexuais), Foucault dialoga com historiadores. Contudo, seus objetivos táticos, como demonstra Droit, são substancialmente diversos dos assumidos pela historiografia:

[...] sua tarefa não se reduz a estabelecer fatos, a reconstituir mentalidades, a desnudar mutações não percebidas, mas sim a pôr em ação outra maneira de pensar, em que estão em jogo os estatutos da linguagem e da verdade, da razão e do inconsciente, da história e do sujeito...<sup>23</sup>

---

17 V. FOUCAULT. Sobre a Arqueologia das Ciências..., *cit.*, 94.

18 DROIT, Roger-Pol. *A companhia dos filósofos...*, *cit.*, p. 369.

19 Acerca do tema, recomendamos a leitura de SCHWARTZ, Michael. *Epistemes and the History of Being*. Em MILCHMAN, Alan; ROSENBERG, Alan (Org.) *Foucault and Heidegger: critical encounters*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003, p. 163 a 186.

20 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, *cit.*, p. 369.

21 VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 239.

22 VEYNE. *Como se escreve a história...*, *cit.*, p. 270.

23 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, *cit.*, p. 361 e 362.

Nos tópicos que seguem, investigaremos as observações de Foucault acerca das condições históricas do conhecimento, do *a priori* histórico que, derivando dos poderes em luta – e não de uma realidade incorruptível e eterna<sup>24</sup> –, institui, em uma época dada, formas de ordenação do “real”. É esse *a priori* histórico, em última instância, que prepara, segundo Foucault, a emergência das ciências no correr do tempo.

## A ESCAVAÇÃO DA CLAREIRA

Em entrevista datada de 29 de maio de 1984 (menos de um mês antes de sua morte), Foucault afirma:

Certamente Heidegger foi para mim o filósofo essencial [...]. Todo meu futuro filosófico foi determinado por minha leitura de Heidegger [...]. Meu conhecimento de Nietzsche é bem melhor do que o que tenho de Heidegger; não obstante foram estas as minhas duas experiências fundamentais. É provável que se não tivesse lido Heidegger não teria lido Nietzsche. Tinha tentado ler Nietzsche nos anos cinquenta, mas Nietzsche sozinho não me dizia nada. Enquanto que Nietzsche e Heidegger, aí sim, este era o choque filosófico. Mas nunca escrevi nada sobre Heidegger e nada escrevi sobre Nietzsche além de um pequeno artigo. São, contudo, os autores que mais li. Creio que é importante termos um pequeno número de autores com os quais se pensa, com os quais se trabalha, mas sobre os quais não se escreve.<sup>25</sup>

São controversas as tentativas de rastrear, no trabalho de Foucault, influências do legado heideggeriano. Muitos acadêmicos chegaram a sugerir que a entrevista acima citada representaria uma “pista falsa” lançada ironicamente por Foucault, sempre arredio no que dizia respeito a explicitar suas fontes de inspiração. Entendemos, não obstante, que o *a priori* histórico poderia configurar uma das marcas do caminho que nos conduz de Foucault a Heidegger. A pretensão de traçar paralelos entre o “passo de volta” de Heidegger e o “pensamento de fora” de Foucault não constituiria, pois, especulação vazia, errância em sendas perdidas. Heidegger desbrava trilhas e clareiras que Foucault escava:

Podemos, aliás, considerar dois tipos de filósofos, aquele que abre de novo os caminhos para o pensamento, como Heidegger, e aquele que desempenha de alguma forma um papel de arqueólogo, que estuda o

---

24 Cf. DROIT. *A companhia dos filósofos...*, cit., p. 376.

25 Citado em FIGUEIREDO, Luís Claudio. Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 7 (1-2), outubro de 1995, p. 140. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol07n12/habita.pdf>, acessado em 7 de junho de 2012.



espaço no qual se desdobra o pensamento, assim como as condições desse pensamento, seu modo de constituição.<sup>26</sup>

Heidegger não se ocupa do “sentido da experiência” – mas da “experiência do sentido”. Não se propõe a explicar o “real” – mas a anunciar o escândalo diante do fato de que o “real” mostra-se explicável a nós. “O espanto” – disse Heidegger – “carrega a filosofia e impera em seu interior”.<sup>27</sup> É espanto do abismo, face à absoluta estranheza do ente. A metafísica (de que a tecnociência é legatária) tem por objeto o ente que se manifesta. Em contrapartida, o programa de “superação da metafísica” encampado por Heidegger assume como tema a *manifestação* como tal.<sup>28</sup> A metafísica tenta apaziguar o espanto; a “superação da metafísica”, por sua vez, procura aprofundá-lo. “Por que existe afinal ente e não antes Nada?”.<sup>29</sup> É esta interrogação mais originária que permite a Heidegger enxergar, não o campo visual, mas o próprio olho – noutras palavras, as condições de possibilidade de nossa construção do “real”. Heidegger executa um “passo de volta”, um movimento de distanciamento dos entes e de aproximação do ser (quer dizer, do horizonte de sentido nos limites do qual as coisas podem ser vistas).

Heidegger busca ver, não os elementos que ocorrem no espaço, mas o próprio espaço que lhes condiciona a *ocorrência*; não as coisas iluminadas, em sua profusão de cores e formas, mas a luz mesma que as alumia – um lance de olhos no interior do que é. O ente *acontece* – ou, o que é o mesmo, *aparece* a nós. Ao falar de *ocorrência*, *acontecimento*, Heidegger, não raro, se vale do termo ‘Ereignis’, que deriva de ‘Auge’, ‘olho’, e cuja acepção original implicava “colocação/colocar diante do olho, vir-a-ser/ tornar-se visível”.<sup>30</sup> Nessa esteira, o pensamento heideggeriano pode ser encarado como uma filosofia do acontecimento – quer dizer, um exercício que nos conduz para ‘fora’ de nossa relação imediata com o mundo e nos permite, situados nesse interstício entre os entes e o nada, visualizar “o espaço de abertura do próprio ser”<sup>31</sup>, no qual, e somente no qual, pode o ente acontecer/aparecer.

---

26 Em FOUCAULT, Michel. O que é um filósofo – Entrevista a M. G. Foy (1966). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros de Motta; tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 35.

27 HEIDEGGER, Martin. Que é isto – a filosofia?. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 21. (Col. Os pensadores)

28 A propósito, recomendamos a leitura do protocolo do seminário sobre a conferência “Tempo e Ser”, redigido por Alfredo Guzoni, que se encontra em HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 273 a 293. (Col. Os pensadores)

29 HEIDEGGER, Martin. Que é a metafísica?. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 44. (Col. Os pensadores)

30 Cf. o verbete ‘event, happening, occurrence’, em INWOOD, Michael. *A Heidegger dictionary*. Maiden: Blackwell Publishers, 1999, p. 54 a 57. (Col. The Blackwell Philosopher Dictionaries)

31 HEIDEGGER, Martin. Introdução à ‘Que é a metafísica?’ (1949). *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 59. (Col. Os pensadores)



Frise-se que esse espaço de abertura advém de nós mesmos – somos nós que irradiamos a luz que permite às coisas acontecerem/aparecerem, posto que aquilo que não se manifesta a nós (isto é, que não se coloca diante de nossos olhos, que não tem significação para nós) não existe, propriamente. Leciona o filósofo alemão:

Um tal aparecer acontece necessariamente em uma certa claridade. Somente através dela pode mostrar-se aquilo que aparece, isto é, brilha. A claridade, por sua vez, porém, repousa numa dimensão de abertura e de liberdade que aqui e acolá, de vez em quando, pode clarear-se. A claridade acontece no aberto e aí luta com a sombra. Em toda parte, onde um ente se apresenta em face de um outro que se apresenta ou apenas se demora ao seu encontro [...] já impera abertura, já está em jogo o livre espaço.<sup>32</sup>

Espaço, abertura, aberto, claridade – clareira. É a clareira que demarca os limites entre o que se apresenta e o que se ausenta, o que é visível e o que é invisível, o que participa e o que não participa de nossa realidade. É o “lugar do silêncio que concentra em si aquilo que primeiramente possibilita desvelamento”.<sup>33</sup> Se os entes surgem a nós – cognoscíveis, manipuláveis, transformáveis – é por que participam de um horizonte de sentido que lhes faculta a emergência. Cotidianamente, as coisas manifestam-se – mas a clareira mesma na qual se manifestam mantém-se oculta, velada. Para Heidegger, é papel do filósofo limpar a clareira – pensar o ser sem o ente. Observe-se que os limites entre a clareira luminosa e a escuridão, o visível e o invisível, o que existe e o que não existe, são móveis. O filósofo dá-se conta do caráter epocal do ser. A “possibilidade *transcendental* do por quê em geral”<sup>34</sup>, o *a priori* que restringe e condiciona as fronteiras da percepção, possui uma “história”.

É essa “história” que Foucault pretende contar. Podemos aproximar a ‘clareira’ heideggeriana do conceito foucaultiano de ‘saber/épisthème’ – que, conforme Droit, significa “a organização do que uma época pode dizer (seus enunciados) e ver (suas evidências)”.<sup>35</sup> “A partir de qual *a priori* histórico” – indaga Foucault – “foi possível definir o grande tabuleiro das identidades distintas que se estabelece sobre o fundo confuso, indefinido, sem fisionomia e como que indiferente, das diferenças?”.<sup>36</sup> O Mesmo e o

---

32 HEIDEGGER, Martin. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 77. (Col. Os pensadores)

33 HEIDEGGER. O fim da filosofia..., *cit.*, p. 78.

34 HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência do fundamento. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 77. (Col. Os pensadores)

35 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, *cit.*, p. 368.

36 FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma

Outro, o idêntico e o diferente, não existem por si (diversamente do que, desde *O sofista*, de Platão, a filosofia ocidental defende). As diferenças (ou melhor, as diferenciações) só fazem a diferença dentro de uma ordem, de um sistema taxonômico, que as justifique. Foucault, radicalmente nominalista, entende que tais sistemas taxonômicos são sempre, necessariamente, arbitrários e fantasiosos, haja vista que não advêm do mundo, mas da forma como dele nos *apropriamos*. É a épisthème, “um ‘ser-luz’, em que se constituem visibilidades”,<sup>37</sup> que determina, para além do cinza sobre cinza do mundo, qual o espectro de cores que nos é dado vislumbrar em cada período histórico. É o “espaço de abertura do ser”, a clareira, que Foucault escava, no afã de desocultar a miríade de acasos, o fundo sócio-político, que, como um destino, conduz a vida e a morte de nossas ideias. É à luz da diferença ontológica que Foucault pode distanciar-se dos saberes e aproximar-se da épisthème, a possibilidade transcendental que os alicerça. Assim, a toda prova, o trabalho de Foucault não representa uma história das ideias – mas, efetivamente, uma história dos sistemas de pensamento:

Tal análise, como se vê, não compete à história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual *a priori* histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer ideias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticularem e logo desvanecerem. Não se tratará, portanto de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a épisthème onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia”<sup>38</sup>.

Encontram-se, pois, evidenciadas algumas afinidades eletivas entre Foucault e Heidegger. Compete destacar, entretanto, que, diferentemente de Heidegger, Foucault não desenvolve suas pesquisas com base em uma *hermenêutica fenomenológica* – mas, antes, em um *positivismo hermenêutico*<sup>39</sup> que se põe resolutamente contra a *interpretação*. Foucault está para Heidegger como o behaviorismo está para a psicanálise. O intelectual

---

Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XXI e XXII.

37 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, cit., p. 369.

38 FOUCAULT. *As palavras e as coisas...*, cit., p. XVIII e XIX.

39 V. VEYNE. *Foucault, o pensamento, a pessoa...*, cit., p. 20.

francês não espera, subjacente aos textos e aos contextos que analisa, um significado originário a ser despertado pelo filósofo. Foucault alia-se aos estruturalistas e aos historiadores posteriores à Escola dos Annales na rejeição ao procedimento exegetico.<sup>40</sup> Trata-se, não de interpretar, mas de descrever – não de pensar, mas de ver. As palavras e as coisas não possuem um *sentido*, mas um uso, uma aplicação, uma *operacionalidade*. Não há um referente pré-discursivo (o ser, por exemplo) que, como um *Deus ex machina*, confira significação à errância das ideias, coerência à dispersão dos saberes. Foucault não atende ao “apelo do ser”. Por trás dos fatos do discurso, dos acontecimentos discursivos, das práticas discursivas, há apenas – outras práticas discursivas, bem como práticas pré e extra-discursivas. O filósofo francês trabalha como um “empirista cego”, tateando e dissecando. Não há, pois, em seu pensamento, espaço para uma dimensão que transcenda o âmbito da *faticidade*.

## OS JOGOS DE VERDADE

Para Foucault, as palavras sangram, são vasculares e vivas. Os acontecimentos discursivos não são *figuração* da realidade, representação simbólica de um estado de coisas (isto é, de um fato) a eles anterior. Como aduzimos acima, o filósofo francês entende que as palavras e as coisas não possuem um sentido, mas uma operacionalidade. Isso implica dizer que nenhum termo está impregnado por uma significação que lhe acompanhe em todo e qualquer emprego. Wittgenstein já observara: “Pode-se, para uma grande classe de casos de utilização da palavra ‘significação’ - se não para todos os casos de sua utilização -, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem”.<sup>41</sup> Dessa maneira, não há crenças, ideologias ou objetos, palavras ou coisas, a não ser nas malhas de uma rede de práticas capazes de instituí-los. Na lição de Veyne:

[...] cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde, do mesmo modo que a pereira produz pera e a macieira maçãs; não há objetos naturais, não há coisas. As coisas, os objetos não são senão os correlatos das práticas. A ilusão do objeto natural [...] dissimula o caráter heterogêneo das práticas [...]<sup>42</sup>

---

40 Cf. FOUCAULT, Michel. Retornar à História (1972). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros de Motta; tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 294.

41 WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975, primeira parte, §43. (Col. Os pensadores)

42 VEYNE. *Como se escreve a história...*, cit., p.256.

O campo de análise de Foucault não é lógico-sintático, ou semântico, mas pragmático – trata-se de investigar a *práxis* do uso da linguagem, o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada. Foucault tenciona desfazer, desprender, desatar e dissolver a ilusão do objeto natural – a crença em ideias intemporais. Conceitos como os de “governo”, “Estado”, “liberdade”, “política”, não habitam um céu platônico de essências trans-históricas, que preexistiriam às práticas nas quais são efetivamente aplicadas<sup>43</sup>: o método de Foucault, como aponta Veyne, consiste “em compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe”.<sup>44</sup> A linguagem tende, naturalmente, a entrar em férias, a conduzir as palavras de um emprego cotidiano a um emprego metafísico, a hipostasiar conceitos. É revolvendo o solo áspero das práticas concretas que Foucault pretende exorcizar os fantasmas na máquina, desmascarar o mito do dado (quer dizer, do referente pré-discursivo).

Os paralelos com a análise da linguagem ordinária, tal como desenvolvida pela filosofia anglo-saxã, são inevitáveis. O próprio Foucault, em mais de um momento, indicará pontos de convergência – e de divergência – entre seu trabalho e as pesquisas empreendidas na Ilha:

Trata-se, por um lado, de uma espécie de análise do discurso como estratégia, um pouco à maneira do que fazem os anglo-saxões, em particular, Wittgenstein, Austin, Strawson, Searle. O que me parece um pouco limitado na análise de Searle, de Strawson, etc., é que as análises da estratégia de um discurso que se realizam em volta de uma xícara de chá, num salão de Oxford, só dizem respeito a jogos estratégicos que são interessantes, mas que me parecem profundamente limitados. O problema seria saber se não poderíamos estudar a estratégia do discurso num contexto histórico mais real ou no interior de práticas que são de um tipo diferente das conversas de salão.<sup>45</sup>

Poderíamos, esquematicamente, dizer que Foucault incute historicidade e politicidade à análise da linguagem ordinária. Tal como o Wittgenstein tardio, Foucault trata uma questão como uma doença,<sup>46</sup> e desenvolve seu filosofar como uma atividade terapêutica que visa a desfazer as câibras mentais advindas de mal-entendidos no que concerne ao uso das palavras. Porém, diferentemente do Wittgenstein tardio, Foucault busca, com sua análise, imiscuir-se no debate político, mostrando que nossas opiniões sobre a verdade, o bem ou o normal (tomadas como ideias intemporais), não podem ser fundadas, legiti-

---

43 V. VEYNE. *Como se escreve a história...*, cit., p.248.

44 VEYNE. *Como se escreve a história...*, cit., p.254.

45 FOUCAULT. *A verdade e as formas jurídicas...*, cit., p. 139.

46 Cf. WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §255. Sobre o tema, recomendamos, ainda, a leitura do extraordinariamente elucidativo SPANIOL, Werner. *Filosofia e método no segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento*. São Paulo: Loyola, 1989.

madras por práticas discursivas – posto que tais práticas são necessariamente artificiosas, sempre arbitrariamente impostas e jamais geradas pela evidência.<sup>47</sup>

A atividade terapêutica de Foucault, dissecando as funções manifestas ou secretas do discurso, tem por finalidade mostrar que, “na raiz do que conhecemos e do que somos, não há absolutamente a verdade e o ser [objetos naturais, referentes pré-discursivos], mas a exterioridade do acidente”.<sup>48</sup> O rei, a rainha, o bispo, o cavalo, a torre e o peão só existem dentro do jogo de xadrez, não sendo possível falar, por exemplo, no “rei em si”, independentemente das configurações no tabuleiro.<sup>49</sup> Da mesma forma, não é possível falar da verdade, do bem e do normal “em si”, pois tais conceitos só existem enquanto peças de jogos estratégicos determinados. A análise do discurso funciona, portanto, como um bisturi ou um coquetel molotov, que abala os alicerces de nossas instituições políticas ao revelar que nossos domínios de saber se formaram a partir de práticas sociais contingentes.

Com o intuito de evidenciar a originalidade do trabalho de Foucault face à filosofia da linguagem ordinária, estabeleceremos uma brevíssima comparação entre o filósofo francês e o Wittgenstein das *Investigações filosóficas*.

“A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem”<sup>50</sup> – nesses termos Wittgenstein define a atividade terapêutica inaugurada nas *Investigações filosóficas*. O filósofo austríaco procura resolver (ou dissolver, solver) problemas, não pelo acúmulo de novas experiências, mas pelo exame do trabalho de nossa linguagem. Afirmamos, acima, que pensar é dizer, e dizer, fazer. Indicamos, ainda, que apenas aquilo que aparece a nós existe. Ora, Wittgenstein parece encampar as duas assertivas. Já em sua juventude (no *Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.62), observara: “os limites da linguagem significam os limites de meu mundo”. Se aceitamos ditas premissas, somos levados a concluir que a investigação da linguagem não se dirige aos *fenômenos*, mas às *condições de possibilidade* dos fenômenos, ou, o que é o mesmo, ao *modo das asserções* que fazemos sobre os fenômenos.<sup>51</sup> O que está em jogo, em Wittgenstein tal como em Heidegger<sup>52</sup> e Foucault, é o limite entre o que existe e o que não existe,

---

47 A radical ortodoxia sócio-construcionista adotada por Foucault será objeto da crítica de vários autores. Por todos, recomendamos a leitura de PAGLIA, Camille. Títulos podres e piratas corporativos: o mundo acadêmico na hora do lobo. *Sexo, arte e cultura americana*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

48 FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia, a História (1971). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros de Motta; tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 266.

49 Cf. VEYNE. *Como se escreve a história...*, cit., p. 275.

50 WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §109.

51 WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §90.

52 Uma notável tentativa de aproximação dos pensamentos de Wittgenstein e Heidegger, a partir da pergunta pelos “limites da linguagem”, pode ser encontrada em APEL, Karl-Otto. Wittgenstein e Heidegger – A pergunta pelo sentido do ser e a suspeita de falta de sentido contra toda metafísica. *Transformação da*

o que é visível e o que é invisível – o que é dizível e o que é indizível. A *gramática profunda* de Wittgenstein, a regra do jogo de linguagem, corresponde, desse ponto de vista, à clareira de Heidegger e ao *a priori* histórico de Foucault.

“O termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”<sup>53</sup> - consiste, pois, numa prática social, não diferindo substancialmente de atividades como andar, comer, beber, jogar.<sup>54</sup> O ensino da linguagem é um treinamento<sup>55</sup> – que nos habilita, basicamente, “para executar *essas* atividades, para usar *essas* palavras ao executá-las, e para reagir *assim* às palavras dos outros”.<sup>56</sup> Falar não é traduzir para os demais, pela mediação da linguagem, processos incorpóreos (isto é, pensamentos) desenvolvidos no silêncio do espírito. “As palavras” – argumenta Droit, comentando Wittgenstein – “não são uma cortina a levantar, nem um minério a tratar”.<sup>57</sup> Não existe, nos bastidores do teatro em que se desenrolam as práticas discursivas, o trabalho secreto de uma subjetividade a-histórica, autorreferente e absolutamente livre, fundamento de verdade e fonte universal de significação. Dizer é fazer, é seguir as regras, dançar conforme a música, se comportar de acordo com os padrões instituídos pela gramática profunda de um jogo de linguagem dado: compreender uma linguagem não significa captar, por meio da intuição intelectual, ideias encapsuladas em palavras – significa, antes, “dominar uma técnica”.<sup>58</sup> Droit leciona, acerca do Wittgenstein tardio:

Paremos de acreditar que o sentido está amoitado em algum lugar, escondido, mascarado, encelado e selado, e que é requerido um longo e acidentado caminho para contornar as proteções e as barreiras e capturá-lo enfim, como um tesouro mítico ou um bicho assustado. Na verdade, não há enigma. Nenhum mistério envolve o sentido, salvo os embaraços que nós mesmos criamos ao acreditar que existe um segredo a elucidar.<sup>59</sup>

As palavras assemelham-se a ferramentas em uma caixa – em sua diversidade de funções e em suas semelhanças de família.<sup>60</sup> Assim, a propósito de um jogo de linguagem, não nos é permitido saber se ele é verdadeiro ou falso – mas, tão só, se ele é ou não útil,

---

*filosofia I*: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000.

53 WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §23.

54 WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §25.

55 WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §5.

56 WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §6.

57 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, cit., p. 279.

58 WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §199.

59 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, cit., p. 278.

60 Cf. WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas...*, cit., primeira parte, §§11, 67 e 77.



se ele funciona ou não. Nessa esteira, ainda acerca de Wittgenstein, leciona Droit: “Nem verdadeiras nem falsas, elas [as palavras] ordenam o lugar da nossa linguagem, revelam a maneira como pensamos, mas não constituem de maneira nenhuma ‘a realidade’”.<sup>61</sup> A atividade terapêutica, a clarificação proposta por Wittgenstein, consiste em, deslocando-se da gramática superficial para a gramática profunda (da geometria plana para a geometria espacial, no paralelo traçado por Gordon Baker<sup>62</sup>), desembaraçar-nos da ilusão de que, subjacente à prática discursiva, jazeria “um núcleo íntimo que se furtaria ao nosso olhar”,<sup>63</sup> um subsolo das palavras. É o jogo de linguagem que determina a nossa construção do “real”, e é papel do filósofo expor as engrenagens do jogo. Como ensina Baker, “a intenção não é nada mais – e nada menos! – que mudar a maneira de ver as coisas”.<sup>64</sup> A atividade terapêutica de Wittgenstein não prova nada e não apresenta nenhum fato novo; porém, clarificando o uso de nossas palavras, revela diferentes aspectos de nossas práticas.

Como demonstramos nos parágrafos anteriores, as regras de um jogo de linguagem, de uma prática discursiva, não são, por si, verdadeiras ou falsas. Pode-se, então, inferir, com Foucault, que “o erro só pode surgir e ser decidido no interior de uma prática definida”.<sup>65</sup> Daí que, por “verdade”, Foucault entenda, em seu trabalho, “o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”.<sup>66</sup> Em Wittgenstein, tal percepção – que implica na “dissolução dos problemas filosóficos”, decorrentes de incompreensões face à gramática profunda que rege os jogos de linguagem – leva a um apaziguamento do espanto, da angústia, da ansiedade a que o uso metafísico das palavras nos conduz. Para Wittgenstein, o filosofar *se encerra* quando percebemos, por meio da atividade terapêutica, que a crença em “objetos naturais” e “ideias intemporais” decorre da inobservância das regras do jogo. Para Foucault, em contrapartida, é este o ponto no qual o filosofar *se inicia*.

As regras do jogo não são verdadeiras ou falsas – da mesma forma como “não há verdade nem erro sobre a digestão e a reprodução do centauro”.<sup>67</sup> As palavras são ou não úteis, funcionam ou não. Mas são úteis *para quem?* Funcionam em nome de *quais propósitos?* A gramática profunda, pré-conceptual, é fruto de práticas sociais, e, como

---

61 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, cit., p. 282.

62 BAKER, Gordon. Wittgenstein's 'Depth Grammar'. *Wittgenstein's method: neglected aspects: essays on Wittgenstein*. Org. Katherine J. Morris. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell, 2006, p. 84.

63 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, cit., p. 279.

64 Tradução nossa para: “[...] the intention is nothing more - and nothing less! - than to change ways of seeing things”. BAKER. Wittgenstein's 'Depth Grammar'..., cit., p. 82.

65 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 33.

66 FOUCAULT, Michel. Poder e saber. *Estratégia, poder, saber*. Org. Manoel Barros de Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 222 e 223.

67 VEYNE. *Como se escreve a história...*, cit., p. 274.

tal, apresenta uma natureza histórica e política. A linguagem é um sistema regrado de diferenças e dispersões – suas regras possuem, pois, uma função restritiva e coercitiva, à medida que atuam como uma “‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”.<sup>68</sup> A atividade terapêutica revelou que existem critérios que determinam “as condições de funcionamento dos discursos”,<sup>69</sup> e que são esses critérios que constituem “domínios de objetos”, a propósito dos quais podemos “afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas”.<sup>70</sup> A consciência dessa dimensão é fonte de espanto, angústia e ansiedade. Se o ensino da linguagem não é mais que um treinamento que nos capacita a seguir as regras, então todo sistema de educação é um processo arbitrário de separação entre o verdadeiro e o falso, um mecanismo “de exclusão, histórico, institucionalmente constrangedor”,<sup>71</sup> “uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.<sup>72</sup>

Como noticia Veyne, “em 1984, no ano da sua morte, Foucault, para se diferenciar de Wittgenstein, definia a sua obra como um estudo daquilo a que chamava, não jogos de linguagem, mas jogos de verdade”.<sup>73</sup> Com efeito, o que está em questão, na análise do discurso, é a fabricação social e institucional de verdades recebidas, fabricação esta que se vale da “gramática profunda” para controlar, selecionar e organizar o que pode e o que não pode ser dito, em um dado momento histórico. Ainda com Veyne:

[...] há, sob o discurso consciente, uma gramática, determinada pelas práticas e gramáticas vizinhas, que a observação atenta do discurso revela, se consentirmos em retirar os amplos drapeados que se chamam ciência, filosofia, etc. [...] Longe de nos convidar a julgar as coisas a partir das palavras, Foucault mostra, pelo contrário, que elas nos enganam, que nos fazem acreditar na existência de coisas, de objetos naturais, governados ou Estado, enquanto essas coisas não passam de correlato das práticas correspondentes, pois a semântica é a encarnação da ilusão idealista.<sup>74</sup>

Foucault pretende demarcar o caráter contingente da gramática profunda, ou, noutros termos, a história crítica dos jogos de verdade: “história das regras e mecanismos pro-

---

68 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 35.

69 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 36.

70 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 69 e 70.

71 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 14.

72 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 44.

73 VEYNE. *Foucault, o pensamento, a pessoa...*, cit., p. 61.

74 VEYNE. *Como se escreve a história...*, cit., p. 252.

dutores de verdade que o sujeito está disposto a aceitar, a recusar e a mudar em si mesmo e nas circunstâncias”.<sup>75</sup> O filósofo assume a incumbência de mostrar como, ao longo do tempo, foram se sedimentando os planos de objetos a conhecer, as funções e posições do sujeito cognoscente, os investimentos materiais do conhecimento.<sup>76</sup> Foucault encontra, após Wittgenstein, um novo campo de *problemas filosóficos*: se não cabe mais à filosofia interpelar pela destinação histórica do conhecimento (esta indagação foi dissolvida pela atividade terapêutica do filósofo austríaco), resta, ainda, a pergunta pela história política da verdade. Disse Foucault, certa feita: “o que é a filosofia senão uma maneira de refletir, não sobre o que é verdadeiro e o que é falso, mas sobre nossa relação com a verdade?”

### O VASTO CEMITÉRIO DE GRANDES VERDADES MORTAS

Fatos do discurso, acontecimentos discursivos, práticas discursivas: Foucault retorna exaustivamente ao problema da *positividade* do discurso. Todo e qualquer texto – e, por conseguinte, todo e qualquer pensamento – é atravessado pela descontinuidade, pela ruptura, pelo corte, pela mutação, pela transformação. Foucault descarta “o grande mito da interioridade”,<sup>77</sup> segundo o qual, por detrás da polissemia que impregna o texto – das relações de implicação, de oposições e de exclusão que se travam *dentro* do discurso –, poderíamos presumir a atividade sintética de um sujeito de conhecimento *constituente*, *soberano*, que garantiria a univocidade da palavra. Foucault não se propõe a *compreender* o *interior* do sujeito de conhecimento, mas a *descrever/explicar* a *exterioridade* do discurso que enuncia saberes.<sup>78</sup> A meta de Foucault é discorrer sobre o “mundo das ideias” a partir de uma linguagem absolutamente extensional – fantasia que, cabe lembrar, também ocupava o sonho dos positivistas lógicos.

Foucault não se pergunta pelo ser do homem, sua interioridade, mas pelo que é *feito* do homem. Sem admitir a preexistência de um sujeito de conhecimento *constituente*, o filósofo francês investiga a forma como diferentes práticas discursivas e jogos de verdade *constituem* seus próprios sujeitos de conhecimento correspondentes:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá

---

75 CANDIOTTO, Cesar. *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010, p. 20.

76 Cf. FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 17.

77 FOUCAULT, Michel. Sobre as maneiras de escrever a história (1967). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros de Motta; tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 70.

78 FOUCAULT. Sobre as maneiras de escrever a história..., cit., p. 70.

na história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história.<sup>79</sup>

A positividade do discurso borra os limites entre estrutura e superestrutura, *práxis* e *theoria*. Ela define um espaço limitado de comunicação, para além do qual *não há nada*. Se é a prática discursiva que cria o sujeito de conhecimento, então a linguagem não é o véu que turva o acesso do homem à verdade – antes, é a luneta por meio da qual a verdade a ele se desvela. Desse modo, Foucault abandona a distinção, cara ao marxismo, entre “consciência alienada” e “consciência reconciliada consigo mesma”. A verdade é uma ilusão, seu nome é mentira: contra a esperança em um referente nu (que se encontraria oculto sob o entulho de falsos discursos sedimentados ao longo da história), Foucault adota um perspectivismo consequente.<sup>80</sup> Não há, enclausuradas em mentiras contingentes, verdades eternas: como observa Veyne, “a originalidade da pesquisa foucaultiana está em trabalhar sobre a verdade no tempo”, mostrando que o passado não é mais que um “vasto cemitério de grandes verdades mortas”.<sup>81</sup> Ainda acerca do tema, é elucidativo o parecer de Droit:

A força de Foucault está em fazer compreender que mesmo nossos saberes mais exatos são transitórios e mortais. Eles resultam de uma ordenação temporária do discurso, de um sistema de representações cuja origem e cujo fim as pesquisas históricas revelaram. A verdade não existe... – só o que existe são os discursos historicamente identificáveis. Eles, por certo, produzem ‘efeitos de verdade’, delimitando para uma época o que é pensável e o que não é. Mas, em si mesmos, não valem nada.<sup>82</sup>

Foucault pesquisa o sistema anônimo de funcionamento de práticas discursivas que levantam pretensões de verdade. Não se trata de avaliar se tais pretensões são ou não legítimas, mas de evidenciar o contexto sócio-político que possibilitou a cada prática discursiva levantar tais pretensões. Foucault ocupa-se da forma “como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.<sup>83</sup> Assim, podemos observar que a noção de *a priori* histórico está relacionada à investigação, não das condições de validade para os juízos, mas das condições de realidade para os enunciados.<sup>84</sup> A *vontade de verdade*, as estratégias de luta, os sistemas de dominação, procuram se apoderar dos discursos, pois é só no interior deles que se podem reconhe-

---

79 FOUCAULT. *A verdade e as formas jurídicas...*, cit., p. 10.

80 A propósito, v. VEYNE. *Foucault, o pensamento, a pessoa...*, cit., p. 53 e 54.

81 VEYNE. *Foucault, o pensamento, a pessoa...*, cit., p. 19.

82 DROIT. *A companhia dos filósofos...*, cit., p. 373.

83 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 17.

84 Cf. FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 144.

cer proposições falsas e verdadeiras.<sup>85</sup> Definindo “um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos”,<sup>86</sup> o discurso inscreve-se em um horizonte institucional no qual – e somente no qual – ele possui sentido e valor. E é por isso que a perspectiva arqueo-genealógica de Foucault pretende descrever o discurso como acontecimento, fato, prática, objeto, *monumento*:

Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico [quer dizer, pelo retorno ao próprio segredo da origem]; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia - para a descrição intrínseca do monumento [sem a presunção de um sentido velado].<sup>87</sup>

Condição de realidade para o enunciado, condição de exercício da função enunciativa: é o *a priori* histórico que abre o campo no qual “podem ser desenvolvidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos”.<sup>88</sup> É o *a priori* histórico que prescreve o que pode ser dito e o que não pode ser dito, as regras de formação e de transformação dos enunciados. Ora, como salientamos reiteradas vezes no desenrolar deste trabalho, os limites do *a priori* são móveis:

[...] o *a priori* não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos, em um universo inalterável, uma estrutura intemporal; define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que ligam; e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles se transformam em certos limiares decisivos. O *a priori* das positivities não é somente o sistema de uma dispersão temporal; ele próprio é um conjunto transformável.<sup>89</sup>

Transformável – pelas relações de poder. Foucault nos aconselha, segundo Veyne, a não utilizar o pensamento para dar a uma prática política um *valor de verdade*.<sup>90</sup> Isso porque é a prática política que configura o valor *da* verdade. Como Foucault disse um dia,

---

85 V. FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 10 e 33.

86 FOUCAULT. *A ordem do discurso...*, cit., p. 30.

87 FOUCAULT. *A arqueologia do saber...*, cit., p. 8.

88 FOUCAULT. *A arqueologia do saber...*, cit., p. 144.

89 FOUCAULT. *A arqueologia do saber...*, cit., p. 145.

90 Cf. VEYNE. *Foucault, o pensamento, a pessoa...*, cit., p. 19.

“não é natural à natureza ser conhecida”, e o saber não é mais que uma invenção engendrada na luta por espaço vital:

[...] entre o conhecimento e as coisas que o conhecimento tem a conhecer não pode haver nenhuma relação de continuidade natural. Só pode haver uma relação de violência, de dominação, de poder e de força, de violação. O conhecimento só pode ser uma violação das coisas a conhecer e não percepção, reconhecimento, identificação delas ou com elas.<sup>91</sup>

## CONCLUSÃO

“Precisamos nos habituar à ideia de que as nossas caras convicções de hoje não serão as de amanhã”<sup>92</sup>: contra o princípio do prazer que norteia a busca, na metafísica, na antropologia filosófica e na filosofia moral, de verdades gerais e definitivas, Foucault aceita o princípio da realidade. Nesse sentido, se esforça para, de antemão, situar seu próprio trabalho dentro do vasto cemitério de grandes verdades mortas. Foucault procura substituir as pretensões de verdade por pretensões políticas, apresentando sua obra como uma *caixa de ferramentas*, um instrumental crítico ofertado àqueles se aventuram na atividade terapêutica de desconstruir convicções ideológicas arraigadas. Mais que doutrina, a filosofia seria um modo de vida. Foucault não avoca o papel de juiz universal do conhecimento (tão caro, por exemplo, a Sartre), mas assume a tarefa de intelectual específico, ocupado em estabelecer um diagnóstico do presente, uma genealogia do sujeito moderno, uma estratégia para reabilitar o saber histórico das lutas, assegurando a sua utilização nas táticas atuais.<sup>93</sup> O filósofo cria “ficções históricas”: não está, portanto, a serviço da “verdade”, mas do contra-poder.

É necessário, porém, problematizar a percepção que Foucault possui que sua própria tarefa. A operacionalidade de seu instrumental crítico pressupõe que se confira, a determinadas categorias – como a de *a priori* histórico – densidade ontológica maior que a de “ficção histórica”. Com efeito, o entendimento de que um momento histórico dado se organiza em uma pluralidade de práticas regradas não pode ser reduzido à figura de uma metáfora útil, condicionada, ela própria, a práticas regradas. É, como tentamos evidenciar, uma concepção marcadamente teórica, que se desenvolve em diálogo com as pesquisas de outros filósofos. Foucault, por certo, abandonou a epistemologia; mas terá a epistemologia, de fato, abandonado Foucault? Sua filosofia não constitui um jogo de ver-

---

91 FOUCAULT. *A verdade e as formas jurídicas...*, cit., p. 18.

92 CASTRO. *Vocabulário de Foucault...*, cit., p. 46.

93 Nesse sentido, v. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 11 a 16.



dade entre outros, uma descrição alternativa da *práxis* vigente – é, antes, um meta-jogo de verdade, uma especulação a propósito do funcionamento de todo e qualquer jogo de verdade dado. Embora tenha dedicado todo o seu labor tardio às relações entre saber e poder, Foucault sempre postergou a exigência de uma teoria geral do saber e do poder.<sup>94</sup> Essa resposta diferida, no entanto, pode ser entrevista nos procedimentos metodológicos empregados pelo filósofo na realização de suas análises. Nossos apontamentos, aqui, configuram uma tentativa de aproximação do problema. Para preservar seu papel transformador, na prática, a teoria precisa, em alguma medida, garantir sua consistência *enquanto teoria*. Se a perspectiva arqueo-genealógica funciona como mecanismo para desmascarar sistemas de pensamento, é porque ela mesma se fundamenta em pressupostos epistemológicos que não podem ser, eles próprios, passíveis de desmascaro arqueo-genealógico. No vasto cemitério de grandes verdades mortas, são ideias vivas que assumem a incumbência de enterrar as demais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Marco Antônio Sousa. O autor e a obra Como funções do discurso em Michel Foucault. Disponível em [http://www.academia.edu/2543068/O\\_autor\\_e\\_a\\_obra\\_como\\_funcoes\\_do\\_discurso\\_em\\_Michel\\_Foucault](http://www.academia.edu/2543068/O_autor_e_a_obra_como_funcoes_do_discurso_em_Michel_Foucault), acessado em 30 de março de 2013.
- APEL, Karl-Otto. Wittgenstein e Heidegger – A pergunta pelo sentido do ser e a suspeita de falta de sentido contra toda metafísica. *Transformação da filosofia I: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BAKER, Gordon. Wittgenstein's 'Depth Grammar'. *Wittgenstein's method: neglected aspects: essays on Wittgenstein*. Org. Katherine J. Morris. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell, 2006.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CANDIOTTO, Cesar. *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.
- DROIT, Roger-Pol. *A companhia dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

---

<sup>94</sup> É essa a principal crítica dirigida ao autor por Habermas, no clássico HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- FIGUEIREDO, Luís Claudio. Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7 (1-2), outubro de 1995, p. 140. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol07n12/habita.pdf>>, acessado pela última vez em 7 de junho de 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros de Motta; tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.
- GREENBLATT, Stephen. O Novo Historicismo: ressonância e encantamento. Tradução de Francisco de Castro Azevedo. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, nº. 8, 1991, p. 244 a 261.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os pensadores)
- INWOOD, Michael. *A Heidegger dictionary*. Maiden: Blackwell Publishers, 1999. (Col. The Blackwell Philosopher Dictionaries)
- LECOURT, Dominique. Pour une critique de l'épistémologie: Bachelard, Canguilhem, Foucault. Paris: François Maspero, 1974.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.
- PAGLIA, Camille. Títulos podres e piratas corporativos: o mundo acadêmico na hora do lobo. *Sexo, arte e cultura americana*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- REIS, José Carlos. A filosofia da história pós-moderna: Elias, Foucault, Bourdieu e

- Thompson. *Saeculum* – Revista de História, João Pessoa, jul./ dez. 2009, p. 33 a 44.
- SCHWARTZ, Michael. Epistemes and the History of Being. Em MILCHMAN, Alan; ROSENBERG, Alan (Org.) *Foucault and Heidegger: critical encounters*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
- VASCONCELLOS, Jorge. Foucault, pensador do presente. Em QUEIROZ, André; VELASCO E CRUZ, Nina (Org.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Col. Os pensadores)